



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CERRO LARGO
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS ESPANHOL
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC II

MIRDES INEZ BOUFLEUR KUNZ

MINHA BIOGRAFIA: AS INFLUÊNCIAS LINGUÍSTICAS DESSA HISTÓRIA

CERRO LARGO

2020

MIRDES INEZ BOUFLEUR KUNZ

MINHA BIOGRAFIA: AS INFLUÊNCIAS LINGUÍSTICAS DESSA HISTÓRIA

Trabalho apresentado no Curso de Licenciatura em Letras Português espanhol à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II, como parte avaliativa para a aprovação.

Prof. Orientadora: Dra. Leila Bom Camillo

Prof. Coordenadora: Dra. Neiva Graziadei

CERRO LARGO

2020

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Kunz, Mirdes Inez Boufleur
MINHA BIOGRAFIA: AS INFLUÊNCIAS LINGUÍSTICAS DESSA
HISTÓRIA / Mirdes Inez Boufleur Kunz. -- 2020.
28 f.

Orientadora: Dra Profª Leila Bom Camillo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro
Largo, RS, 2020.

1. Autobiografia, História linguística familiar,
Preconceito linguístico, Pertencimento e Identidade. I.
Camillo, Profª Leila Bom, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

MIRDES INEZ BOUFLEUR KUNZ

MINHA BIOGRAFIA: AS INFLUÊNCIAS LINGUÍSTICAS DESSA HISTÓRIA

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras: Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora:

Profa. Dra. Leila Bom Camillo

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

09/09/2020

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Leila Bom Camillo – UFFS
(Presidente/Orientadora)



Profa. Dra. Ana Cecilia Teixeira Gonçalves – UFFS*



Profa. Dra. Cláudia Eliane Ilgenfritz Toso – UFFS*

*Assinatura do(a) Presidente da banca representando os demais membros conforme Ofício-Circular N° 8/2020 – PROGRAD.

RESUMO:

O presente trabalho visa identificar os fatores que influenciaram na constituição do sujeito linguístico com base em minha Biografia. Um dos fatores que influenciaram fortemente a constituição desse sujeito se deu na história de vida de meus antepassados como o exemplo de ser descendente de franceses, seguido por outra influência trazendo à tona a descendência de italianos e não praticar nenhuma dessas línguas, ou mesmo, o fato de eu ter nascido no Brasil e minha Língua materna ser a variante hunsriquiiana da Língua Alemã. O maior motivo que me levou a pesquisar sobre esses eventos linguísticos é a minha vergonha e o sentimento de culpa por eu ter tamanho potencial genético e não ter aproveitado a oportunidade de aprender a falar nem o Italiano que meu nono Afonso insistia em ensinar, e tampouco a Língua Francesa, que em verdade não tive oportunidade de aprender, mas também nunca fui atrás de um curso para aprender tal língua. Dessa forma pretendo ter uma conversa de forma científica relacionando minha Biografia com a análise teórica, que conforme prevê Gibs (2009, p. 93), a narrativa biográfica é importante instrumento de investigação para que se possa produzir um conhecimento científico que aproxima o autor de sua obra. Para desenvolver essa autobiografia, busco referências de diversos teóricos que trazem sugestões pertinentes a todos nós no que tange as influências linguísticas sociais e culturais. Trago autores que versam sobre o ser sujeito dentro da sociedade, o preconceito linguístico que se fez presente nessa minha história como também os fatores ideológicos e políticos, principais vetores do fenômeno linguístico ocorrido em minha vida. Após uma profunda investigação e análise pretendo apresentar quais foram os principais fatores que me constituíram como sujeito linguístico. Embora toda a incógnita sobre a minha constituição linguística tenha se esclarecido, a situação do preconceito continua existindo e para que este paradigma se quebre, o caminho de fato continua longo.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia; constituição linguística do sujeito, pertencimento

RESÚMEN:

El presente trabajo visa identificar los factores que influyeron en la constitución del tema lingüístico basado en mi biografía. Uno de los factores que influyó fuertemente en la constitución de este tema ocurrió en la historia de vida de mis antepasados. El ejemplo de ser descendiente de franceses, seguido de otra influencia por mis antepasados que han sufrido con la guerra a punto de se obligaren a hablar la lengua de los ganadores. Por otra parte yo soy descendiente también de italianos por parte de mi madre, y no practicar ninguno de estos idiomas, o incluso el hecho de que nací en Brasil y mi lengua materna es la variante hunsriquiiana del idioma alemán. La razón más importante que me llevó a investigar sobre estos eventos lingüísticos es mi vergüenza y el sentimiento de culpa de que tengo un potencial genético tan grande y no aproveché la oportunidad para aprender a hablar ni el italiano que mi noveno Afonso insistió en enseñar, ni el idioma francés, que realmente no tuve la oportunidad de aprender. Por lo tanto, tengo la intención de tener una conversación científica que relacione mi Biografía con el análisis teórico, que, como predice Gibs (2009, p. 93), la narrativa biográfica es un instrumento de investigación importante para que se pueda producir conocimiento científico que

acerque al autor a su obra. Para desarrollar esta autobiografía, busco referencias de varios teóricos que nos aportan sugerencias pertinentes sobre influencias lingüísticas sociales y culturales. Traigo autores que tratan de ser sujetos dentro de la sociedad, el prejuicio lingüístico que estaba presente en mi historia, así como los factores ideológicos y políticos. Después de una exhaustiva investigación y análisis, pretendo presentar cuáles fueron los principales factores que me constituyeron como sujeto lingüístico. Aunque se han aclarado todas las incógnitas sobre mi constitución lingüística, la situación de prejuicio sigue existiendo y para que este paradigma se rompa, el camino en realidad sigue siendo largo.

PALABRAS-CLAVE:

Autobiografía; constitución lingüística del sujeto; pertenencia,

Índice

Índice

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
2.1. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	9
2.2. PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	12
2.3. IDENTIDADE E SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO.....	14
3. UM BREVE RELATO DA MINHA HISTÓRIA DE VIDA.....	15
4. ANÁLISE BIOGRÁFICA.....	17
4.1. AS PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS QUE CONSTITUÍRAM A MINHA FALA.....	17
4.2. PETER BOUFLEUR IMIGRANTE DA FAMÍLIA PATERNA.....	18
4.3. AFONSO NICARETTA AVÔ MATERNO.....	19
4.4. VARIANTE HUNSRÜCK DA LÍNGUA ALEMÃ.....	21
4.5. A MINHA CONSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA.....	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
6. BIBLIOGRAFIA.....	26

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao desenvolver a minha biografia que antecede a historiografia de minhas famílias paterna e materna trago à tona os fatores que resultaram na minha forma de ser e de viver, trazendo o tema, os objetivos, o problema, a justificativa e a metodologia de como será desenvolvido esse Trabalho de Conclusão do Curso de Letras Português e Espanhol. O maior objetivo para desenvolver a autobiografia foi identificar o que motivou a influência dos fatores linguísticos que aconteceram durante minha história de vida, analisando a real necessidade de esses fatores serem julgados ou aceitos como certos ou errados.

Através desse trabalho identificarei à luz dos teóricos, quais foram os fatores que influenciaram na minha constituição linguística? E o que eles falam sobre esses movimentos? Apresentarei, com base na minha biografia, as influências linguísticas que me tornaram este sujeito falante, como também, as teses científicas dos linguistas escolhidos que abordam as causas desses fenômenos que aconteceram durante esta biografia. A exemplo de ser descendente de franceses e italianos e não praticar nenhuma dessas línguas, ou mesmo, o fato de eu ter nascido no Brasil e minha língua materna ser a variante hunsriquiiana da Língua Alemã.

O maior motivo que me levou a pesquisar sobre esses eventos linguísticos é a minha vergonha e o sentimento de culpa por eu ter tamanho potencial genético e não ter aproveitado a oportunidade de aprender a falar nem o Italiano que meu nono Afonso insistia em ensinar, e tampouco a Língua Francesa, que em verdade não tive oportunidade de aprender. Dessa forma pretendo ter uma conversa de autoconhecimento, ao mesmo tempo ajudando a você leitor a descobrir as nuances que, muitas vezes a vida nos esconde e impacta de forma negativa em nosso ser. Nessa minha história de vida mostrarei como a ingenuidade de um sujeito segue os paradigmas sociais coletivos sem questionar os seus motivos. Certamente, se ontem eu soubesse o que sei hoje sobre a minha própria história eu teria escolhido outros caminhos e honrado os meus antepassados.

Para desenvolver essa autobiografia, busco referências de diversos teóricos que trazem sugestões pertinentes a todos nós no que tange os fatores linguísticos sociais e culturais. Trago autores que versam sobre o preconceito linguístico que se fez presente nessa minha história como também os fatores ideológicos e políticos, principais vetores do fenômeno linguístico ocorrido em minha vida.

Essa autobiografia será desenvolvida de forma qualitativa que, segundo Gibbs (2009, p. 86), aborda questões às singularidades do sujeito, na qual se permite capturar

as tensões do campo, trazendo à tona as dissonâncias e ressonâncias dos sentidos que emergem através do relato. Gibbs (2009, p. 93) descreve uma narrativa, como importante instrumento de investigação para que se possa produzir um conhecimento científico. Pois uma narrativa biográfica se manifesta de forma original, capacitando o pesquisador efetuar uma apreensão fidedigna, permitindo o aprofundamento da história e a compreensão do relato combinando-a com o contexto histórico e promovendo a compreensão dos sentidos, nas crenças e paradigmas que a história traz. Shreiber (1995, p. 64), confirma a ideia de Gibbs (2009) ao defender que, a riqueza do método da narrativa desafia o pesquisador se tornar parte do processo atentando sempre ao contexto histórico e cultural capturando sempre a mediação entre a experiência e a linguagem das narrativas.

Shreiber (1995, p. 66) ainda enfatiza, a narrativa como uma forma de expressão em que o ser humano experiencia o mundo, indo além de um simples relato de sua vida, pois ao contar a sua própria história, reflete e reconstrói continuamente significações acerca de si.

Em meu relato histórico biográfico descrevo eventos linguísticos ocorridos durante a cronologia da bio-história familiar. Os eventos são narrados em primeira pessoa pelo fato de serem relatados por mim. A inclusão de narrativas na terceira pessoa trazem informações sobre eventos históricos ocorridos antes do meu nascimento. O referencial teórico foi acrescentado à narrativa com o intuito de promover reflexões sobre os fatos ocorridos no decorrer da história.

Com a identificação das causas que promoveram essas influências linguísticas tenho intenção de desenvolver reflexões que me ajudem a superar esse sentimento de culpa por também ter sido preconceituosa em não aceitar o ensino e aprendizagem de meu avô materno. Da mesma forma procuro incentivar aos meus leitores a questionar sobre situações que constroem e não aceitá-las como verdades únicas como aconteceu comigo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Em seu livro Nada na Língua é por acaso, Bagno (2007) fala que enquanto a gramática tenta instituir uma língua única e homogênea como a certa, a linguística reconhece a linguagem como heterogênea, variável e mutante. Por consequência a necessidade de se conhecer fenômenos das variações precisam cada vez mais conceitos bem definidos e sistematizados. Marcos Bagno trata o sistema linguístico como impossível de existir sem obedecer regras linguísticas e vê a heterogeneidade como uma característica fascinante da língua.

O fato dela ser altamente estruturada, de ser um sistema organizado e, sobretudo, um sistema que possibilita a expressão de um mesmo conteúdo informacional através de regras diferentes todas igualmente lógicas e com coerência funcional. O mais fascinante ainda: um sistema que nunca está pronto, que o tempo todo se renova, se recompõe, se reestrutura, sem todavia nunca deixar de proporcionar aos falantes todos os elementos necessários para a sua plena interação social e cultural. (BAGNO, 2007, P. 43)

Para reforçar ainda mais essa conclusão, Bagno (2007), defende que o que influenciam os fatores extralinguísticos são: de origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, redes sociais, entre outros. Ele define esses fatores como variável linguística que acontece quando algum elemento ou regra da língua se realiza de maneiras diferentes da língua padrão e variante linguística é a forma diferente de dizer a mesma coisa na língua. Bagno (2007), mostra que as diferenças entre estigma e valor na linguística não tem nada a ver com a língua do falante e sim com seu status social. E para isso o autor adverte que juízos de valores são atribuídos para quem se serve deles. Além de os fatores de variantes linguísticas serem aceitas na literatura como procedentes, enquanto todas estão certas em suas diferentes nuances Bagno (2007), trata a fala do ser humano como uma de suas necessidades básicas.

Falar é tão imprescindível ao ser humano quanto respirar, andar, ver, beber água, comer etc. Escrever também é importante, e essa importância cresce cada vez mais na sociedade contemporânea, mas é num conhecimento de outra natureza, semelhante a tocar piano, guiar um automóvel, dançar balé clássico, fazer tricô, pilotar um avião formatar um disco rígido de computador...-- ninguém nasce sabendo essas coisas elas dependem de estudo prolongado e consciente de condicionamentos físicos e mentais e treinamento constante I.(BAGNO, 2007, p. 67).

Este é o motivo pelo qual Marcos Bagno denuncia a gramática tradicional como base em preconceitos sociais, “preconceitos que vêm sendo sistematicamente denunciados e combatidos desde o início da era moderna e mais enfaticamente nos últimos anos”.(BAGNO, 2007, p. 67). O autor não só condena esse preconceito como evidencia que a fala do ser humano, se entendida, não está errada independente de sua variante ou variável linguística que apresenta.

2.1. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Calvet (2002), corrobora Marcos Bagno ao manifestar que, a diversidade se manifesta e se torna evidente em um mundo plurilíngue em cada um de seus pontos em que as comunidades linguísticas se margeiam e se sobrepõe continuamente. O autor ainda afirma que as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes. Calvet (2002), traz à tona as duas correntes linguísticas que surgiram a partir dos nossos ancestrais, estudiosos como Saussure, Labov e Meillet. Uma corrente que foca na organização dos fonemas de uma língua em

sua sintaxe e a outra na extratificação social das línguas de acordo com as classes sociais. Calvet (2002), traz teóricos como William Labov que discorda de Saussure e afirma que a língua é um fato social e que a linguística então, só pode ser uma ciência social e assim define que a sociolinguística é a linguística. O teórico e linguista francês Antoine Meillet, discípulo de Saussure, define a língua como um fato social e diz que “ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand de Saussure a priva da realidade; assim a redução traz uma abstração que é necessariamente inexplicável”. Quando Saussure opõe linguística interna e externa, Meillet as associa. Enquanto Saussure elabora um modelo abstrato da língua, Meillet coloca na balança o fato social e o sistema que tudo contém. Essas duas teorias provocam e sugerem divergências em relação a língua, linguagem e fala. Dentre os estudiosos da língua.

Fica subentendido então que, a língua desde sua origem é o instrumento de poder e sempre será marcada pela divisão da sociedade em classes sociais. Esse entendimento é corroborado quando Calvet (2002) cita Bernstein, que faz a comparação entre as crianças da classe operária e as crianças das classes abastadas, constatando uma taxa de fracasso escolar muito maior nas primeiras que nas segundas. Bernstein se utiliza das produções linguísticas dos grupos infantis e define dois códigos, os quais chama de restrito “(o único que as crianças dos meios desfavorecidos dominam que se caracteriza por frases breves e sem subordinação e vocabulário limitado), e o código elaborado (dominado pelas crianças das classes favorecidas, que dominam também o código restrito)” (CALVET, 2002, p.18-19). Através desse estudo se constata pela primeira vez que se notava uma diferença linguística a partir da diferença social.

E para entendermos melhor, o autor fala do que Bernstein descrevia como códigos e que Labov chamou de estilos. Calvet (2002) aborda, William Bright que define correlaciona a variação ou a diversidade com as dimensões da sociolinguística ao afirmar que:

“não é fácil definir com precisão”. Seus estudos, ele acrescenta, dizem respeito às relações entre linguagem e sociedade, mas essa definição é vaga, e ele então esclarece que “uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou diversidade não é livre, mas que é correlata às diversidades sociais sistemáticas”(CALVET,2002,p.21).

Também adverte que os fatores que condicionam a diversidade linguística são respectivamente: a identidade social do falante, a identidade social do destinatário e o contexto. No mundo existem entre 4.000 e 5.000 línguas diferentes e cerca de 150 países e isto comprova, segundo Calvet (2002), que o mundo é plurilíngue e as línguas estão constantemente em contato. O resultado disso é um dos primeiros objetos de estudo da sociolinguística. O autor lembra que, Bright argumenta: Parece óbvia a interferência de

elementos estrangeiros em uma língua, principalmente no sistema fonológico, morfológico e sintático.

Bortoni-Ricardo (2004) traz outra denominação para as variantes linguísticas. Ela trata as variantes como contínuos, pois elas se manifestam de acordo com uma linha contínua e que as fronteiras dessas linhas de variantes não são tão rígidas como as gramáticas antigas as descrevem. Para Bortoni-Ricardo (2004), esses contínuos representariam uma imagem menos preconceituosa em relação à distinção entre língua padrão, dialetos, variedades não padrão, etc. Os contínuos que a autora traz se referem: ao de urbanização, no qual, os falares rurais se situam em uma ponta e urbanos na outra ponta do extremo da linha.

Esses falares urbanos sofrem influência do padrão correto da escrita, ortografia e pronúncia, de agências padronizadoras da língua, a exemplo da imprensa, obras literárias, escola, incluindo também repartições públicas civis e militares, religiosas, entre outras depositárias e implementadoras da cultura do letramento. Os falares rurais, conforme Bortoni-Ricardo (2004), ficavam muito isolados devido situações geográficas, dificuldades de acesso e de comunicação situando-se assim no extremo contrário da linha urbana. Para a autora, essas variedades vistas como contínuos não constituem fronteiras rígidas que as separam.

Outro contínuo a que a autora se refere é o do letramento. Neste as fronteiras são inexistentes, pois a oralidade e o letramento são fluidos e se sobrepõe. A exemplo de uma miniaula que pode representar um evento de oralidade. Outro contínuo a que Bortoni-Ricardo (2004), trata é o de monitoração e estilística, variando entre falares totalmente espontâneos e os planejados dependendo de fatores como: estilo, interlocutor e tópico de conversa. A referência que ela faz é: quando se trata de brincadeira, falando sério, xingamento, entre outros que se enquadram em estruturas estilísticas e esta variação tem a função de orientar os interagentes em sua natureza de interação.

Calvet (2002), alerta para a importância do plurilinguismo, no caso de um falante não falar a língua do outro, será feito o uso de uma terceira língua, chamada de veicular, ou seja, de conhecimento comum. Mas caso nenhuma das partes conheça esta última, eles inventarão para si outra forma de língua, geralmente uma língua mista (sabirs). Exemplo da língua franca (italiano+outras línguas do contorno do mediterrâneo). Porém, quando esse processo de comunicação torna-se mais amplo e seu sistema sintático mais desenvolvido, chama-se de pidgins.

O contato entre línguas não produz apenas interferências, alternâncias e estratégias. Ele gera sobretudo um problema de comunicação social. Vimos um tipo de resposta a esse problema sob a forma de línguas aproximativas (saber, pidging) que têm como característica não ser a primeira língua de ninguém. Mas algumas situações sociológicas fazem com que as primeiras línguas percam a

eficácia comunicacional quando as populações estão a tal ponto misturadas que ninguém fala a língua do outro (CALVET, 2002, p.43).

Com essa passagem Calvet (2002), define o pidgin como forma linguística, que vai apresentada através da fala de meu avô materno Afonso Nicaretta nessa autobiografia. A isso, Bortoni-Ricardo (2004), chama de competência comunicativa, e também afirma que nenhum falante usa mal a sua língua, mas que a forma como a usa depende de vários fatores, inclusive a variação dos três contínuos a que ela se refere “o apoio contextual; a complexidade cognitiva e a familiaridade com as rotinas comunicativas” (BORTONI-RICARDO, 2004). A autora traz o conceito de competência linguística de Chomsky, tratando a língua como abstrata e consiste no conhecimento internalizado que o falante tem nas regras para a formação das sentenças da língua, complementada por Dell Hymes quando acrescenta as normas sociais e culturais que definem a adequação da fala ao processo comunicativo. Conforme Calvet (2002), as relações sociais de acordo com as competências linguísticas são possíveis, no entanto nem sempre harmoniosas. Muitas vezes as relações conflituosas determinam o preconceito linguístico na sociedade. A esses conflitos de uma mesma variante linguística Calvet (2002, p.52) chama de diglossia, ou seja, a coexistência em uma mesma comunidade de duas formas linguísticas: a alta variedade e a baixa. Essa diglossia aparece quando trago a variante hunsriquiana do alemão, que pejorativamente era chamado de “platdeutsch” (alemão raso) enquanto o Alemão padrão era o “hochdeutsch”.

Calvet (2002, p.103), também traz Leonard Bloomfield que fala da comunidade linguística, definindo-a como um grupo de pessoas agindo por meio do discurso.

Os membros de uma comunidade linguística podem falar de um modo tão semelhante, que cada qual pode compreender o outro, ou podem se diferenciar, a ponto de pessoas de regiões vizinhas chegarem a não se entender umas às outras, afirmando que membros de uma mesma comunidade podem não se entender entre si o que pode parecer paradoxal(CALVET, 2002,p.103).

Por esse motivo Jean Calvet (2002) afirma que a língua existe desde que a comunicação se estabelece.

2.2. PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Marcos Bagno (1999, p.23) se refere a preconceito como sendo uma palavra cada vez mais constante no nosso dia a dia. Constantemente se ouve falar em alguma forma de preconceito, seja ele por questões raciais, sexuais, socioeconômicas, etc. Por essa razão, a temática, preconceito linguístico de que Bagno (1999) traz, tem grande relevância, e em grande medida ele é invisível, a ponto de ser estudado por muito poucos

cientistas sociais. O tema preconceito conforme atenta Bagno (1999), é resultado da ignorância, intolerância ou de manipulação ideológica está sendo alimentado diariamente na grande mídia. Bagno(1999) alerta para as graves diferenças de status sócio-econômico que explicam a existência do verdadeiro abismo linguístico.

Calvet (2002) define os preconceitos como estereótipos, ou seja, provérbios ou fórmulas pré-fabricadas que expressam os preconceitos contra a língua. Quando diz que: À língua corresponde uma sociedade “civilizada”, aos dialetos e aos patoás, comunidades de “selvagens”, os primeiros agrupados em povos ou em nações, os segundos em tribos.”(CALVET, 2002). Nesse ínterim, Calvet corrobora a ideia de Bagno em relação ao preconceito linguístico. A realização desse preconceito acontece no momento em que negamos, principalmente, a variedade da fala presente nos mais variados espaços: geográfico, etário, histórico, rural, urbana, etc, inclusive nas diversas classes sociais.

Nessa perspectiva Bagno (1999), apresenta a homogeneização da língua como um dos maiores mitos e muito prejudicial na educação por não respeitar a diversidades das falas impondo uma norma, como se fosse comum a todos os brasileiros. Tal ideia é corroborada por Stela Maris Bortoni Ricardo em seu artigo “Problemas de comunicação interdialeto”, quando chama a atenção para muitos mitos arraigados em nossa cultura, de consequências danosas, a autora lembra que William Labov reconhecia a existência de duas ordens de conflito. “O conflito estrutural e o conflito funcional. O primeiro decorre da interferência dialetal. O segundo é de natureza cultural e se refere ao confronto entre valores da cultura dominante” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.117). Quando não se reconhecem os problemas de comunicação entre as diferentes variedades da língua e nada se faz para resolvê-las.

Bagno (1999) define, o preconceito linguístico como irmão gêmeo da injustiça social, sendo esta uma forma de discriminação com forte hierarquia e campeã na desigualdade econômica e educacional. E o grande culpado pela disseminação desse preconceito são os veículos de comunicação de massa. Assim, Marcos Bagno mostra quais caminhos devemos seguir quando nos deparamos com situações injustas, em momento que a comunicação acontece, e mesmo assim, o instinto de poder e status social denotam a superioridade de alguns grupos se negam a aceitar o diferente, no entanto interpretável e/ou fácil de entender.

Nesse sentido, faz-se necessário olharmos com mais carinho sobre toda essa nossa diversidade cultural e linguística. A transformação que se faz necessária desmistificando a língua brasileira, tende a mudar o paradigma social respeitando e valorizando cada uma dessas diferenças transformando-as em um vasto complexo

linguístico e em relação a cidadania e justiça urge a manifestação de mais especialistas como Bagno (1999), defendendo a pluralidade e o respeito em nossa sociedade.

2.3. IDENTIDADE E SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

Com base numa concepção identitária, reflete-se o sujeito, a identidade cultural, busca de identificar os fatores que constroem a identidade do sujeito, suas subjetividades, relações e sua representação de alteridade que possibilita a segurança desse sujeito em meio às incertezas que a vida lhe oferece. No que tange, a nossa constituição identitária Toso (2018) defende a necessidade de pensarmos no nosso contexto pelo fato de questões globais e locais se relacionarem enquanto novas formas de identidade se configuram. A identidade cultural é construída, manipulada e politizada em que os fatores políticos, sociais, econômicos e culturais influenciam e determinam todo o contexto identitário do sujeito.

Toso (2018) afirma ainda que, as identidades dos sujeitos e dos contextos sociais podem ser negociáveis dependendo da ideologia dominante do grupo. Neste sentido a questão de pertencimento e identidade está relacionada à escolha individual e a vivência do sujeito na sociedade. Toso (2018) faz a relação de sujeitos com a cultura como elemento formador da identidade de sujeito parafraseando Hall (2001), que compartilha com Baumann (2005), o pensamento de um sujeito fragmentado onde várias identidades se constituem e se apresentam de forma conflituosa e contraditória.

A identidade se forma a partir da 'interação' entre o eu e a sociedade. Essa concepção tem ganho força, pois se compreende a relação entre as interações e a constituição dos sujeitos quando "eu me reconheço no outro e me diferencio dele" (TOSO, 2018). Cláudia Toso defende que, teorias liberais e o fortalecimento do Estado Nacional influenciam a forma de conceber o sujeito, quando entra em cena o sujeito social com identidade cultural. Nesse contexto a identidade nacional acontece quando nos identificamos como membros de um território, fazendo vínculos que unem sujeitos como pertencentes a um grupo praticamente homogêneo. Para Toso (2018, p.48), pertencer é o mesmo que, partilhar características, vivências e experiências com outros membros dentro de uma comunidade.

Também, o papel de identidade do sujeito necessita ser entendida de forma distinta de papéis sociais, e tem relação com o processo de individuação e de socialização dos indivíduos. Mariconi (2014, p. 18), defende que o sentimento de pertencimento está intrínseco nas pessoas e vem afetando todas as relações humanas. Traz também que, as possibilidades de pertencimento, além de concreta, se manifestam de forma subjetiva e abstrata. Mariconi, (2014,) fala que, o sentimento de pertencimento determina valores ao

sujeito que se identifica como elemento pertencente a uma comunidade, sendo um desses valores o respeito que por sua complexidade divide pontos de vista diferentes ao passo que a ética é um paradigma que representa viver e conviver de forma equilibrada na sociedade.

A alteridade, de acordo com Mariconi (2014), é a relação do sujeito eu para com o outro, ou seja, ele se reconhece a partir do outro. E para que uma pessoa possa se sentir pertencente a uma comunidade ela precisa reconhecer e sentir-se reconhecida.

3. UM BREVE RELATO DA MINHA HISTÓRIA DE VIDA

Através de minha biografia pretendo trazer todos os movimentos linguísticos, dos quais a minha família passou desde a concepção. Trazendo a história da família paterna Bouffleur, falarei do fato de sermos descendentes da França, cujas origens se deram em torno do ano de 1150 em Ponthieu na França. No entanto, não praticamos a língua francesa. Praticamos a variante Hunsriquiiana da língua alemã, que é mais praticada pelos moradores marginais do Rio Reno. Essa é uma variante que na época em que nossos antepassados viveram na Europa foi considerada uma língua inferior.

Da mesma em que temos a origem francesa e não praticamos a língua, tampouco a minha família materna, Nicaretta, italiana, fala o Italiano. Esse movimento aconteceu pelo fato de meu avô italiano ter sido desprezado por sua família por se casar com uma mulher alemã. Nessa história trarei a versão de muito preconceito, a criação de uma língua própria de meu vovô em sua busca de pertencimento e identidade no grupo de cultura alemã. Por fazer parte de uma família, nada convencional, também apresentarei a minha história de vida que passou por várias situações, onde o preconceito linguístico se fez presente, inclusive por mim como promotora desse preconceito, cujo movimento se deu na minha ingenuidade.

Sou Mirdes Inez Bouffleur Kunz, nascida aos 06 de agosto de 1964, filha de José Carlos Bouffleur(in memorian) e Elvira Nicaretta Bouffleur(in memorian). Nasci em Campina das Missoes, RS, Brasil. Nasci no Brasil, sou descendente de franceses e italianos. No entanto, minha língua materna é a variante hunsriquiiana do alemão. O meu primeiro contato com a língua portuguesa foi aos sete anos de idade quando ingressei na Escola. O ensino da época era totalmente bancário.

1 Paulo Freire foi um crítico do sistema bancário de ensino. Para ele a escola deve ser mais aberta e prazerosa, onde o aluno se sinta bem ao estudar. Em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2011, p.82-83), traz algumas características do que é a escola bancária, afirmando que nesse modelo de ensino o educador é quem educa, sabe, o que pensa, o detentor da palavra. Freire (2011, p. 86-87) se opõe a esse sistema educativo e se diz favorável à educação democrática e problematizadora onde o ensino ocorre com a transferência do conhecimento, baseado no diálogo com o compromisso de pensar a realidade e trazer o concreto para a discussão.

Tínhamos medo de pedir para ir ao banheiro, quando o pedido em português não nos vinha na memória. Por isso uns choravam até que o professor descobrisse o que eles queriam, outros se urinavam, inclusive teve alunos que ficavam doentes de tanto se segurarem para não ter que pedir licença para ir ao banheiro. O máximo que consegui era erguer meu dedo e chamar “psoor licença psair!”.

Fora da escola tagarelávamos, pois dominamos a língua hunsriquiana em toda a comunidade interiorana de Campina das Missões. Sei perfeitamente que muitos de vocês irão se familiarizar com essa biografia, enquanto outros apenas acharão graça dessa loucura de movimentos linguísticos que ocorreram em minha história. Não foi fácil aprendermos a língua portuguesa, pois a forma que ela nos foi passada não foi nada amistosa e também éramos obrigados a falar português dentro da escola e quem não sabia, calava. Por esse motivo muitos jovens dessa comunidade desistiam da escola para ajudar os pais na lavoura e até hoje, mal falam o português.

Quando passei para a quinta série, por falta de lugar na Escola do interior, tive que ir de ônibus até a Cidade de Campina das Missões e estudar no Ginásio Estadual D. Pedro II. Ali outro movimento aconteceu, pois tivemos que praticar a língua portuguesa, tanto dentro quanto fora, inclusive no ônibus, pois não éramos mais só hunsriquianos no local. Nesse contexto, para mim ficou fácil aprender melhor a língua, porque fiz amizade com colegas que não sabiam falar Alemão. Por esse motivo nos ajudávamos como intérpretes uns dos outros. A escola continuava com o sistema bancário e a Língua Portuguesa era trabalhada em sala de aula como comunicação e expressão e se tratava basicamente de gramática e dissertação de textos.

Após feito o ensino médio, não tínhamos condições de fazer uma faculdade. Acabei ficando em casa, fazendo trabalhos acadêmicos para meus amigos, pois sempre gostei de manipular material tanto didático quanto literário. Em 1989 casei com Aloisio Kunz, foi o momento que saí de casa.

Por muitos anos ajudei a trabalhar com ele. Começamos indo para os latifúndios, ele trabalhando de operador de máquinas, eu fazendo comida para a peonada. Foi uma vida pacata, mas eu gostava. Depois iniciamos nossos trabalhos em granjas suínas com serviços zootécnicos. Também foi bom trabalhar com bio-eventos. Nos mudamos para várias granjas, sempre trabalhando no mesmo ramo, mas em todos os lugares nos deparamos com culturas linguísticas diferentes como: A variante pomerana do alemão, variante hunsriquiana e por fim, em 1996, após o nascimento de minha filha Nadine, fomos morar em Rolador, onde permanecemos.

Em Rolador, tive contato com a primeira variante da língua portuguesa que encontrei no meu caminho. Eu conhecia a língua padrão, quando me deparei com falas

que eu, de início achei muito estranhas: a exemplo da cola em vez de rabo, do *renguear o cusco* em vez de passar frio e muitas outras palavras que se falava e eu não entendia. Essas diferentes falas, como também os movimentos biológicos da granja suína De Conti me levaram a ter um novo interesse pelos estudos. Tanto que retornei para a sala de aula e fiz o curso técnico em informática sendo que os registros diários dos movimentos suínos, eu fazia num velho 386(microcomputador) me instigaram a conhecer mais sobre essa máquina.

Terminado o curso técnico em informática, vi que não era só isso que eu queria e iniciei o curso superior de Tecnologia em Turismo. Em meio a este, apareceu a oportunidade de fazer o Normal (magistério) e, como doida me lancei nos dois cursos. Nesse período também saí dos serviços de granja suína e iniciei como Professora de Informática, contrato, em duas escolas do interior de Rolador.

Concluído os estudos, em 2009 fiz o concurso da prefeitura de Rolador e fui efetivada como técnica de apoio ao usuário de informática (HELPDESK), que estou até hoje. No ano de 2012, ainda com uma vontade muito grande de continuar estudando fiz a pós-graduação de mídias na educação, especialização em nível de mestrado na UFRGS. Novamente busquei estudar até que consegui, em agosto de 2015, entrar como retorno de graduado na UFFS onde estou fazendo o curso de letras português e espanhol. Com esses dados biográficos retornarei aos fatos históricos que determinaram o meu ser linguístico juntamente as teorias procedentes a esses dados.

4. ANÁLISE BIOGRÁFICA

4.1. AS PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS QUE CONSTITUÍRAM A MINHA FALA

Através de pesquisas feitas à Biblioteca Digital Mundial consegui alguns dados sobre a origem da Família paterna Bouleur. De acordo com Parmagnani (1991, p. 25), a família Bouffleur surgiu em Ponthieu nos anos de 1150. Ponthieu, se situa próximo à foz do rio Somme, a cinco léguas de Abeville, não muito distante de Amiens, a capital da Picardia, onde os Bouffleur residiam. A família Bouffleur pertenceu à alta nobreza francesa, sendo que sua língua principal foi o francês.

Com a guerra franco-prussiana a guerra “franco-germânica” (19 de julho de 1870 - 10 de maio de 1871) que foi um conflito ocorrido entre Império Francês e o reino da Prússia no final do século XIX. Onde a França foi vencida pela Prússia, a família Bouffleur que sobrou passou a pertencer à Prússia.

A vitória alemã foi indiscutível e tornou o império alemão o país mais poderoso da Europa continental. A paz foi assinada em 10/05/1871, na cidade alemã de Frankfurt. O tratado de Frankfurt estipulava aos franceses: além de um pagamento de indenização aos prussianos; a cessão dos territórios da Alsácia e Lorena, terra onde ainda residiam os Boufleur; a ocupação de tropas alemães, que proibiram a língua francesa nas regiões ocupadas.

No pós-guerra, todos os vencidos foram proibidos de falar sua língua e falar a língua alemã, que no entanto, foi a variante de qualidade inferior que Calvet (2002) define como diferença entre sociedade civilizada e sociedade selvagem, quando traz Labov, que descreve a língua dividida em padrão alto e padrão baixo. A língua que a família Boufleur passou a falar foi a hunsriquiiana, de padrão inferior, vista pela sociedade civilizada alemã como “platdeutsch” (variedade baixa) enquanto os civilizados falavam o “hochdeutsch” (variedade alta). Essa passagem está teorizada em consenso pelos teóricos Calvet, Bagno, Toso, Mariconi e Bortoni-Ricardo quando falam que o sujeito e sua constituição são definidas pela sociedade e que com viés ideológico, político e cultural. Bagno,(1999) ainda enfatiza que Labov denominava a este evento de conflito estrutural, em que aconteceu uma mudança radical linguística, sendo que os Boufleur foram obrigados a falar alemão e proibidos de falar o francês.

Após o fim da guerra franco/prussiana, a Alsácia e a maior parte da Lorena, que faziam parte da França antes da guerra, foram anexadas ao recém-formado império alemão. Os franceses ressentiam profundamente a perda desses territórios, colocando sua recuperação como um objetivo primário para a política externa do país e uma das principais metas da liderança da França na Primeira Guerra Mundial.

Naquela época, muitos jovens, descontentes com a situação de guerra, também para não terem que prestar serviço militar, em que a grande maioria deles eram jovens agricultores de vida simples, cansados de verem suas propriedades ser invadidas e destruídas pelos guerrilheiros. Decidiram partir para um lugar desconhecido, que lhes trouxesse paz e oportunidade de construir um bom futuro. Então embarcaram no navio que os trouxe para o Brasil.

4.2. PETER BOUFLEUR IMIGRANTE DA FAMÍLIA PATERNA

Peter Plantou raízes no Brasil, o nosso ancestral Peter Boufleuher, que foi morar em Picada Herval, ele, filho de João Jacobo Buffleuher e Suzana Winzenheimer (alemães), e sua esposa Catharina Schumacher, filha de Valentino Schumacher e Isabel Napp (alemães), que ambos (Peter e Catharina), naturais de Hüffelsheimer, na Prússia

Rhenana. Bortoni-Ricardo (2004) nos traz que a mudança da língua francesa de meus antepassados paternos, tem a ver com o conflito denominado por Labov, como conflito funcional, sendo que, a sociedade hegemonicamente alemã instituiu suas regras e leis e que o Jovem Peter não aceitou, indo assim trabalhar no navio que veio ao Brasil. Meus pais contavam que Peter, cansado das guerrilhas e das atrocidades do governo alemão, combinou com um grupo de amigos, pedirem emprego no navio que levava os alemães ao Brasil no projeto de branqueamento da população brasileira. Pelo fato de eles não estarem inscritos nesse projeto, pediram apenas para trabalharem no navio. Mas acabaram aportando clandestinamente em Porto Alegre. Peter constituiu morada junto ao grupo que falava a mesma língua dele e cabe aí a afirmação de Calvet (2002) que a língua existe desde que a comunicação se estabelece. Esses imigrantes sempre se juntavam em grupos por que não compreendiam nada da língua portuguesa. O casal teve 12 filhos, dos quais sou descendente. A família Bouffleur, mesmo morando no Brasil só sabia falar a variante Hunsrück da língua alemã e constituíram a comunidade hunsriquiiana no vale do Rio dos Sinos próximo a Porto Alegre. Em relação aos falares desse grupo, em que meus antepassados se comunicavam, também pode ser identificado com um falar rural, onde Bortoni-Ricardo (2004) retoma os conflitos de Labov ao tratar da variante hunsriquiiana vista como um falar inferior ou interiorano.

Mais tarde, em grupos, com o intuito de não se perderem na comunicação começaram a se deslocar para outras regiões, entre as quais, Campina das Missões, de onde sou natural.

4.3. AFONSO NICARETTA AVÔ MATERNO

Meu avô materno, Afonso Nicaretta, nasceu no Brasil, mas seus pais e irmãos vieram de Treviso, Itália, em um navio, fixaram morada em Trombudo, Antiga Colônia Velha, situada Em Santa Cruz do Sul. Pela pesquisa feita foi possível obter dados de uma certidão de batismo de Treviso, Itália, católico de Vincenzo Nicaretta, meu bizavô, que de igual forma ao avô paterno, também veio ao Brasil na clandestinidade. Ele também pagou sua viagem com trabalho no navio. O que sabemos é que o bisavô trabalhava no setor de máquinas do navio e a bisavó na cozinha. Permaneceram trabalhando no navio por longo tempo. Por essa razão não foi possível conseguir nenhum registro da entrada dele neste país. O que se sabe dele, através de registros de óbito, Vincenzo morreu como cidadão italiano, não naturalizado brasileiro.

O preconceito linguístico aconteceu, quando Afonso Nicaretta se apaixonou por Filomena Brückner. Ele Italiano e ela de origem francesa que, igualmente como meu avô Davi Bouffleur ficaram submetidos ao governo alemão, e morando na mesma região

ribeirinha rehnana, falava a variante hunsriquiiana alemã. O Navio da vó Filomena (só não se sabe ainda se o navio atracou em São Paulo ou no Porto de Rio Grande) havia chegado em outro tempo, quando a família Brixner foi se vizinhar com a família Nicaretta.

Ao casarem, o vô Afonso e a vó Filomena, foram expulsos pelos meus bisavós devido suas nacionalidades diferentes. Eles acabaram fugindo da Colônia Velha e vieram fixar residência na Linha São Francisco, Cerro Azul, próximo à Linha Santo Antônio, morada de meu vô paterno Davi Boufleur. Como, o lugar foi praticamente ocupado pelos imigrantes alemães que se deslocavam em grupos com fins de manter sua ideologia comunitária, o vô Afonso teve grande dificuldade de se expressar com toda a comunidade alemã.

Na tentativa de se adaptar ao máximo à linguagem da comunidade, a qual escolheu para ser membro. Ele criou uma linguagem própria com novas formas, constituiu palavras, mesclando a língua alemã com a sua língua de origem, dentro das possibilidades dele, o que se tornou motivo de piada e chacota por onde ele ia. A esse movimento Bagno (1999) trata como preconceito e manipulação por pura ignorância e arrogância do grupo onde ele se inseriu. A fala que ele constituiu segundo Calvet (2002) é um contato (pidgin) que meu nono tentou realizar com a língua da comunidade hunsriquiiana, representada de acordo com o quadro da fala abaixo:

Língua Portuguesa	Língua Alemã:	Língua Italiana	Língua do Vovô Alphonso Nicaretta
<ul style="list-style-type: none"> • Eu Quero • Eu Posso • Eu Consigo • Eu venço 	<ul style="list-style-type: none"> • Ich will • Ich kann • Ich kann • Ich gewinne 	<ul style="list-style-type: none"> • Voglio • Posso • Posso • Io vinco 	<ul style="list-style-type: none"> • I Vílamo • I Cánamo • I Cánamo • I Gevínamo

Meu nono²- criou esta língua no intuito de se sentir pertencente a essa cultura hunsriquiiana, mas como sua língua falada até ele se casar era muito diferente da língua pretendida, automaticamente ele criou uma língua proximal, que só aqueles que conviviam com ele conseguiam entender. Para essa passagem Toso (2018) enfatiza o sentimento de pertencimento, identidade e alteridade do sujeito em relação ao grupo, onde a identidade é construída, manipulada e politizada que pode ser negociada de acordo com a ideologia dominante. O meu nono criou uma língua aproximativa ou veicular, na tentativa de se identificar com o grupo, no entanto essa interação o transformou em um sujeito fragmentado que de acordo com Toso (2018) permaneceu em

² Expressão italiana para avô

constante conflito consigo mesmo e com o grupo, mesmo que, apesar do esforço de meu nono ao se comunicar, o grupo dominante o via como palhaço e debochava dele.

Isso motivou muito preconceito linguístico que Bagno (1999) define, como irmão gêmeo da injustiça social. Bagno (1999) diz que os motivos de preconceito acontecem quando negamos a variedade da fala mesmo que consigamos entendê-la. Calvet (2002), lembra que os preconceitos são provérbios ou mesmo, fórmulas pré fabricadas, construídos pelos que se consideram povos e nações (sociedade civilizada) que no caso era a cultura hunsriquiiana em relação aos dialetos e patoás das tribos (comunidades de selvagens) sendo essa a família Nicaretta naquela comunidade. Bortoni-Ricardo (2004, p. 117) chama atenção aos efeitos altamente danosos aos conflitos que Labov definia como estrutural e funcional. Enquanto o conflito estrutural decorre da comunicação dialetal, o conflito funcional é de natureza cultural e se refere a paradigmas da sociedade dominante. Nessa perspectiva Bagno (1999) alerta para o respeito e a valorização das diferenças defendendo a pluralidade e o respeito em nossa sociedade.

Esse preconceito se transferiu também a nós, todos os descendentes dessa família causando sofrimento a ponto de nos negarmos a aprender falar a língua italiana. Pois nunca aceitamos os ensinamentos de nosso vovô Afonso ou vovô Nicaretta como costumávamos chamá-lo, por temermos passar pelas mesmas situações constrangedoras que toda a família já passava, caso nos atrevêssemos a falar a língua dele. Nesse contexto, Toso (2018) defende a necessidade de pensarmos nos contextos globais e locais em momento que uma identidade é criada e que pode ser negociada entre sujeito e cultura dominante.

4.4. VARIANTE HUNSRÜCK DA LÍNGUA ALEMÃ

Sou nascida no Brasil, neta de franceses e italianos. Apesar de conhecer bem a minha descendência nunca tive contato com a língua francesa, nem com a italiana, cuja ascendência são meus avós maternos. Da língua Italiana não nos permitimos o aprendizado da fala em vista do preconceito que nosso vovô Nicaretta sofria em sua tentativa de pertencer ao grupo hunsriquiiano. Já com a Língua Francesa, os motivos dessa falta de contato foram mais profundos e tem a ver com a história de guerras e opressões sofridas por nossos ancestrais em épocas passadas. Bem como Calvet (2002) fala que nunca somos completamente livres em nossa fala, as línguas não existem sem as pessoas que as falam e a história de uma língua é a história de um falante. Somos portanto, dependentes da ideologia, política, cultural do grupo a que nos sujeitamos ou pertencemos. Como já foi citada a guerra franco/prussiana, da qual resultou a proibição do uso da Língua Francesa e obrigação do uso da Língua Alemã. Nesse contexto fica

mais claro o movimento que resultou na minha língua materna foi a variante Hunsrück Alemã.

A variante Hunsrück é uma língua falada pelos nativos do sudoeste da Alemanha. A variante tem origem nas variantes franco-renano e franco-moselano, falados na região do Hunsrück, às margens dos rios Reno e Mosela no oeste da Alemanha. Com a Imigração de nossos antepassados ao Brasil formando colônias alemãs isoladas em regiões de floresta, desbravadas. Esse isolamento permitiu que esses alemães criaram uma ilha linguística dentro do Brasil fazendo do alemão a língua principal e não o português. Essa formação favoreceu o sentimento de grupos minoritários aliados à formação de instituições étnicas sólidas, promovendo assim, um sentimento de superioridade cultural. Esse sentimento de superioridade também motivou o nosso preconceito em relação à língua italiana, da qual meu nono era falante nativo. Nesse caso nos deparamos com o conflito funcional que Calvet (2002) fala do comportamento social que uma fala pode proporcionar entre sujeito e grupo, referindo o confronto entre valores da cultura dominante, sendo essa a cultura Hunsrück.

Para Toso (2018), pertencer é o mesmo que, partilhar características, vivências e experiências com outros membros dentro de uma comunidade. Também, o papel de identidade do sujeito necessita ser entendida de forma distinta de papéis sociais, e tem relação com o processo de individuação e de socialização dos indivíduos. Por outro lado, Mariconi (2014), defende que o sentimento de pertencimento está intrínseco nas pessoas e vem afetando todas as relações humanas.

Traz também que, as possibilidades de pertencimento, além de concreta, se manifestam de forma subjetiva e abstrata. Para Mariconi, (2014) o sentimento de pertencimento determina valores ao sujeito que se identifica como elemento pertencente a uma comunidade, sendo um desses valores o respeito que por sua complexidade divide pontos de vista diferentes ao passo que a ética é um paradigma que representa viver e conviver de forma equilibrada na sociedade. A alteridade, de acordo com Mariconi (2014), é a relação do sujeito eu para com o outro, ou seja, ele se reconhece a partir do outro. E para que uma pessoa possa se sentir pertencente a uma comunidade ela precisa reconhecer e sentir-se reconhecida.

4.5. A MINHA CONSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA

Nascida em uma comunidade Hunsriquiiana, na Linha Amadeu Sul, Campina das Missões, tanto eu quanto as demais crianças da Comunidade, tivemos o nosso primeiro contato com a Língua Portuguesa aos sete anos de idade, quando ingressamos na escola. Esse movimento foi muito complicado para todas nós crianças que só sabíamos

falar o Alemão Hunsrück. Por esse motivo, no início das aulas, aprendemos as principais palavras cruciais para mantermos a comunicação, a exemplo do pedido de licença para ir ao banheiro: “Psor me da licença psair”. Era o que saía para quem já havia decorado a frase. Eu a decorei logo pois tinha irmãos mais velhos que me ajudavam a falar algumas palavras básicas. Como havia crianças que não conseguiam falar essa frase, desatavam em choro ou se urinavam, na sala de aula mesmo. Outra vez temos a passagem da língua aproximativa, veicular que nossos autores linguistas definem como pingins. Por que como a escola era bancária o professor era o detentor do saber e da razão e não permitia que falássemos a língua que sabíamos falar.

Esse movimento Calvet (2002) define de plurilinguismo, ou pidgin que acontece quando um falante não sabe falar a língua do outro ele cria a sua própria língua, que aconteceu comigo como de forma parecida com meu nono italiano. A isso, Bortoni-Ricardo(2004), chama de competência comunicativa, e também afirma que nenhum falante usa mal a sua língua, mas que a forma como a usa depende de vários fatores, inclusive a variação dos três contínuos a que ela se refere “o apoio contextual; a complexidade cognitiva e a familiaridade com as rotinas comunicativas” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 63). Calvet (2002) aponta para as diferenças na língua podem ser compreensíveis, mas nem sempre harmoniosas ao passo em que o plurilinguismo também se torna problema, pois o grupo distinto acaba inventando para si uma língua aproximativa, ou seja, uma língua mista.

O resto da aula nos mantínhamos mudos até que aprendemos a nos defender na Língua Portuguesa. Quando afirmo a palavra “mudos”, foi pelo fato de estarmos em escolas bancárias da época, onde imperava a rigidez da disciplina, o professor era o único detentor do saber e o aluno que se expressava erroneamente apanhava, ou de varinha, ou de régua de madeira, daquelas de 130 cm. Como boa aprendiz, no final do meu primeiro ano de aula, recebi um mimo da Professora Filomena Perius, que lembro até hoje e que para mim foi um plus pelo gosto da leitura. Era um livrinho de história ilustrado com as Aventuras de Zorro. Isso aconteceu no final do ano de 1971, mas continua na minha memória como um fato recente.

Durante a minha juventude, servi de intérprete da Língua Portuguesa, para a vizinha de meus pais, cujos filhos não desenvolveram tanto interesse em aprender essa língua, em momentos que ela recebia a visita de vendedores ou outras pessoas que não falavam o alemão. Ela se dizia ludibriada por um vendedor que vendeu um aparelho de rádio. A vizinha queria um aparelho que só falasse a língua alemã. O vendedor, em sua esperteza para conseguir vender o rádio para ela, levou o aparelho em uma hora que tinha o programa do Deutsche Fritz, da rádio Cerro Azul de Cerro Largo. Ela toda feliz por

que havia comprado um aparelho de rádio que só falava alemão. Bastou o vendedor sair da casa dela, o locutor do rádio começou a falar a língua da qual ela não entendia nada. Desde então, a fim de garantir que ela não mais seria enganada, chamava a mim ou algum de meus irmãos, para traduzir as falas. Para esta passagem lembramos novamente Bagno (1999), Calvet (2002) e Bortoni-Ricardo (2004) quando falam que o que marca e separa a sociedade é a soberba de uma cultura ignorante agindo de forma preconceituosa em relação a pessoas que consideram inferiores.

A Língua Portuguesa que aprendi a falar, se aproxima bastante da língua formal, gramatical, pois estudei em época que as variantes linguísticas não eram reconhecidas, pelo contrário eram vistas como erros. Para mim era fácil por que só usava a Língua Portuguesa em ambientes em que a formalidade da Língua Portuguesa se fazia necessária. Pois na informalidade do dia a dia somente falávamos o Alemão Hunsrück. Isso até há 24 anos. Depois que casei e formei família com Aloisio Kunz e Nadine Boufleur Kunz, saí da comunidade de Amadeu sul, sendo que nos outros lugares onde fomos morar os grupos linguísticos não eram mais únicos de uma língua. Assim me tornei falante efetiva da língua portuguesa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tive a oportunidade de me reconhecer como sujeito linguístico real, apesar de todas as influências que me transformaram como tal. Me sinto honrada em poder clarear os fatos que aconteceram durante a minha vida através dos grandes teóricos que escolhi para me defenderem cientificamente.

Feita a análise biográfica, agora posso responder quais foram os principais fatores que influenciaram a minha constituição linguística, a começar pelo fator ideológico e político que promoveu a proibição do uso da língua francesa pelos meus avós paternos, o que (Calvet 2002) define como fatores extralinguísticos quando cita Fischman para as situações polares da língua que no caso de minha família paterna foi a do bilinguismo onde o grupo, ao qual a família Boufleur foi pertencer, impôs a ideologia e língua germânica. No entanto, essa ideologia ainda sofreu a influência da sociedade alemã que por fatores geográficos impactou na variante hunsrückiana da língua alemã, Tratada por Calvet (2002) como padronização da língua em conflito ao que chama de diglossia denominando respectivamente as variedades, alta e baixa de uma mesma língua enquanto a sociedade alemã falava o “hochdeutsch”, padrão alto, os Boufleur falavam o “platdeutsch”, padrão baixo.

A segunda influência como sujeito falante, aconteceu quando meu avô materno, no intuito de se aproximar do grupo que ele escolheu como seu, desenvolveu uma língua

aproximativa que Calvet (2002) chama de pidgins enfatizando ainda, que o contato entre línguas não produz apenas interferências, alternâncias e estratégias, mas também gera um grande problema de comunicação social. Esse evento, Mariconi (2004) descreve como sentimento de pertencimento e alteridade que está intrínseco afetando todas as relações de uma comunidade. A língua que meu avô materno criou para se comunicar foi a identidade única, em que ele e toda a sua família sofreu brutal preconceito linguístico. O Preconceito, de acordo com Bagno (1999) representa o irmão gêmeo da injustiça social, sendo a única razão para ele, a ignorância e arrogância de uma ideologia dominante da sociedade.

O terceiro fator dessa minha constituição linguística, foi o fato de eu ter nascido brasileira e minha língua materna ser a hunsriquiiana. Para essa passagem, Calvet (2002) traz que é impossível sermos sujeitos sem pertencermos a uma sociedade que determina nossa língua, nossos hábitos e nossa cultura, bem colocada por Bortoni-Ricardo (2004) quando retoma Labov ao definir os conflitos ocorridos, como sendo de natureza cultural de uma sociedade dominante. E que Bagno (1999) chama a sociedade para a valorização das diferenças onde a pluralidade e o respeito possam ser paradigmas permanentes em nossa sociedade.

Na minha ida à escola tive o primeiro contato da língua portuguesa, o que deflagrou novos pidgins e linguagens aproximativas até me tornar falante da língua portuguesa. Esse movimento é teorizado por todos os autores acima citados, pois a minha vida, novamente passou por todas as situações de preconceito linguístico, pertencimento e alteridade, que, no entanto, dessa vez, foi sofrido por uma comunidade inteira e não somente uma família como aconteceu no caso de meu nono.

Hoje posso dizer com toda autoridade, que as influências constituintes desse meu ser sujeito linguístico, todas essas influências foram necessárias para me tornar quem sou hoje. Também entendo que venci e que não é mais necessário me envergonhar por ser descendente de franceses e italianos e nem sequer conhecer a língua de meus antepassados. Já sofri muito preconceito por essa situação, mas hoje estou dando um basta nessa atitude, pois sei que estou amparada pelos melhores teóricos.

Enfim, esta sou eu e as influências linguísticas que me constituíram como sujeito em toda a minha história. É evidente que cada um de nós passa por um processo de constituição do sujeito e que através da nossa língua garantimos a nossa comunicação para com o outro e a sociedade a qual pertencemos. Por essa razão há uma necessidade gritante de mudar os paradigmas e estigmas, pois enquanto um tende a dominar o outro, o preconceito e a injustiça social continuam. Para que consigamos viver e conviver numa

sociedade harmoniosa, faz-se necessário respeitarmos e valorizarmos as nossas diferenças.

6. BIBLIOGRAFIA

BAGNO, Marcos, **A língua de Eulália**: novela sociolinguística, Editora Contexto, São Paulo, 2014.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística, Parábola Editorial, São Paulo, 2007.

_____. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz, Edições Loyola, São Paulo, 1999, 48ª e 49ª edição, Junho de 2007.

BORTONI-RICARDO, Stela Maris, **Educação em Língua Materna**: A sociolinguística em sala de aula, Parábola Editorial, São Paulo, 2004.

_____. **Nós Chegemu na Escola**: e agora? Sociolinguística e Educação, Parábola Editorial, São Paulo, 2005.

CALVET, Louis Jean, **Sociolinguística**: Uma Introdução Crítica, Tradução, Marcos Marciolino, Editora Parábola Editorial, São Paulo, 2002.

Carte de Comté de Ponthieu **et de ses alentours em 1180, Comté de Ponthieu(794-1690), Province de France**. Dados acessados em 27/02/2020, https://fr.wikipedia.org/wiki/Comté_de_Ponthieu

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**, Editora Paz e Terra, SP, 2011.

GRAHAM, Gibs, **Análise de dados qualitativos**, Porto Alegre, RS, Artmed, 2009.

LUCIEN, Jonas, **o povo da Alsácia e Lorena é francês!** Disponível em Biblioteca Digital Mundial: <https://www.wdl.org/pt/item/4602/>

MARICONI, Lucimara Valdambri, **Pertencimento e Identidade**, Campinas, SP,(s,n), 2014.

PARMAGNANI, **Irmão Jacob José, Irmão Arno Boufleur(Ir Emílio Atanásio), Vidas Lassalistas nº 6**: Gráfica Lassale, Niterói, RJ, 1991.

_____. **Irmão José Boufleur(Ir Anacleto João), Vidas Lassalistas nº 30**, Província Lassalista de Porto Alegre, RS.1993

POPOFF, Michel **et préface d'Hervé Pinoteau, Armorial de l'Ordre du Saint Esprit: d'après l'œuvre du père Anselme et ses continuateurs**, Paris, Le Léopard d'or, 1996, 204 p (ISBN2-86337-140-X) http://palisep.fr/bibliotheque/jougla/tome_02.pdf p. 213.

SHREIBER, LB. **Pesquisa qualitativa em saúde**: reflexões metodológicas do relato oral e produção de narrativas em estudo sobre a profissão médica. Rev. Saúde Pública. 1995.

TOSO, Cláudia Eliane Ilgenfritz. **Conhecer para pertencer**: a relação criança, escola e cidade / Cláudia Eliane Ilgenfritz Toso. – Ijuí, 2018.

